

***O Presidente***

DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, POR OCASIÃO DO QUADRAGÉSIMO SÉTIMO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Exmo Senhor Presidente da Assembleia Nacional

Exmo Senhor Primeiro-ministro e Chefe do Governo

Exmos Senhores Presidentes dos Tribunais Superiores

Exmo Senhor Procurador-geral da República

Exmos Senhores Membros do Corpo Diplomático

Exmos Senhores Comandantes-Gerais das Forças

Ilistres convidados

Minhas Senhoras e meus senhores,

São Tomé e Príncipe comemora hoje, mais um aniversário da sua independência e da sua formação como Estado soberano no concerto das Nações. Por conseguinte, trata-se de uma data que nos deve congregar em torno da sua celebração, tanto no país como entre os nossos compatriotas que, pelas mais diversas razões, vivem no estrangeiro. A Independência foi, por isso, um marco que ditou que passássemos, coletivamente, a ser responsáveis por nós próprios e a dirigir os nossos próprios caminhos e destinos.

O nosso país caminha a passos largos para atingir meio século de existência como Estado independente, e esta maturidade é merecedora de uma reflexão transversal na nossa sociedade, com espírito aberto, de forma construtiva e sem qualquer sentimento de ajuste de contas. Antes, o nosso foco deve consistir no exame pacífico e na aprendizagem inteligente, para que o percurso seguinte seja melhor do que o caminho que nos trouxe até aqui.

Pese embora os anos já volvidos, desde 12 de julho de 1975 até o presente, a comemoração da data da independência nacional constitui sempre motivo para renovarmos o nosso reconhecimento e agradecimento, àqueles ilustres filhos da nação que com espírito de sacrifício e entrega abnegada, deram o melhor de si próprios para que hoje pudéssemos estar aqui, uma vez mais, a celebrar a liberdade de um povo e o surgimento de um novo Estado soberano.

A nossa história é, na verdade, a história de um país em permanente construção, no plano político, económico e social. Quanto melhor for o conhecimento que tivermos da nossa sociologia, das nossas dinâmicas e até das dinâmicas de outros povos, mais aptamente saberemos delinear as nossas metas e o nosso futuro.

Senhoras e Senhores

Compatriotas,

Aproveito esta solene cerimónia para render uma homenagem particular a dois ilustres filhos desta Terra e obreiros da independência, que, quis o destino nos deixaram neste ano 2022 ! Refiro-me ao Dr. Carlos Tiny e ao Antigo Presidente da República, Evaristo Carvalho. Os seus nobres feitos para que alcançássemos a nossa Independência e a contribuição de ambos nas funções que desempenharam ao longo das sua vidas intensas, fizeram de um e de outro alvos da eterna glória do povo são-tomense.

Caros compatriotas

No plano político, o nosso país vem realizando, desde 1990, com notável regularidade, eleições para órgãos de soberania, além de eleições autárquicas e regional, num quadro de paz social que é por todos reconhecido.

Graças a essa normalidade e vitalidade da vida democrática, tem havido progressos substantivos, nomeadamente no domínio do reforço das capacidades institucionais e do exercício do poder do Estado, do poder regional e autárquico, o que faz de São Tomé e Príncipe um país onde é seguro viver, trabalhar e fazer negócios.

No entanto, temos sobre os ombros desafios e pressões do foro económico e social, planos em que a apreciação já não é tão animadora, exigindo de todos nós esforços ainda mais conscientes e consistentes.

Temos de reconhecer que as nossas fragilidades são típicas de nações jovens, mas esse fato não deve inibir a nossa criatividade na busca de soluções próprias, num esforço permanente para contrariar as contingências da insularidade, da pobreza e da tensão internacional.

Se a independência significou para nós, a faculdade de decidirmos os nossos próprios caminhos e de sermos os únicos protagonistas da nossa história, ela também colocou-nos desafios e pressões das mais variadas naturezas.

Contudo é justo dizer-se que, ao longo destes 47 anos, o país tem conseguido, no plano político, superar os obstáculos surgidos no seu percurso democrático.

São Tomé e Príncipe tem assim, feito o seu caminho e vem consolidando o seu espaço no panorama internacional como um país respeitador dos princípios e dos ditames da democracia.

É de todos sabido que as razões da nossa frágil economia encontram explicações em fatores tanto endógenos como exógenos. Os primeiros estão associados à baixa infraestruturação do País e a fraca capacidade de mobilização de investimentos privados, e os segundos prendem-se, em grande medida, com a pandemia de Covid 19 que continua a assolar o mundo e agravou de forma sem precedentes a nossa débil e dependente economia.

Por outro lado, a eclosão de conflito bélico no leste europeu introduziu vários desequilíbrios na indústria e no comércio internacionais, votou vários países a uma maior concentração na indústria militar, e trouxe uma grande preocupação com a resolução de problemas imediatos, designadamente de natureza energética. Tudo isto tem provocado reflexos brutais na nossa situação económica.

Esse novo quadro obriga-nos a um empenho coletivo ainda maior a fim de nos adaptarmos às novas exigências que o palco internacional tem colocado ao nosso País. Não obstante todas as contrariedades que se nos colocam, não podemos nos conformar com o adiamento permanente do sonho do desenvolvimento e de melhoria das condições económicas, habitacionais, sanitárias, educacionais, ambientais e com melhor justiça para o nosso Povo.

Na verdade, precisamos todos, num esforço apartidário, de focar sem a menor distração, a tão desejosa e necessária independência económica para que as expetativas pós independentistas do Povo se tornem realidade.

Por outro lado, dúvidas não podem existir de que aos 47 anos de existência como Estado, temos hoje muito mais interesses coletivos a defender e proteger. Por esse motivo, não podemos nos dar ao luxo de baixar a guarda. Pelo contrário, devemos acelerar o nosso cerrado combate contra a pobreza, em todas as frentes.

É preciso estarmos mais atentos às necessidades das famílias, dos trabalhadores e das pessoas em geral, e acautelarmos quaisquer indícios de perturbações sociais que são, a todos os níveis, perigosas.

Uma palavra aos jovens !

Este é um país de jovens. Mais de metade da nossa população são jovens com menos de 25 anos. Por isso, reconheço aqui o vosso potencial, a capacidade de resiliência, a disponibilidade e o consequente papel que ela pode e tem de jogar nesta luta relativamente ao desenvolvimento económico.

A todos os são-tomenses que escolheram outros países para trabalhar, viver ou estudar e que constituem hoje a nossa diáspora, a vossa participação na vida do nosso país, é igualmente relevante e merecedora de toda a atenção das autoridades nacionais.

Senhoras e Senhores,

Caros compatriotas,

Estamos, hoje, a escassos meses da realização de mais um pleito eleitoral, no próximo mês de setembro. A proximidade das eleições para a escolha de uma nova composição parlamentar e de um novo governo deve exigir de todos e de cada um de nós, um grande sentido de responsabilidade para que mais uma vez, estas ilhas presenteiam à sub-região, ao continente e ao mundo, mais uma prova da nossa maturidade democrática, contribuindo para que estas eleições venham a decorrer num clima de completa harmonia e sem exclusões, ditadas por meras conveniências político-partidárias.

A temática da realização ou não realização do recenseamento Eleitoral, pode ditar que os jovens que há bem pouco tempo completaram idade de maioridade e demais concidadãos que mudaram de círculos eleitorais, sobretudo, aqueles que, por variadas razões, emigraram, não só verem coartados os seus direitos de eleger, mas acima de tudo o direito de serem eleitos. A concretizar-se, isto representaria uma violação grosseira e uma grave afronta à nossa constituição e das demais normas da República.

Por isso, impõe-se aos atores políticos, que, com toda a lucidez, coloquem o interesse nacional acima dos interesses partidários e dos interesses pessoais. A nenhum cidadão deve ser coartado o direito constitucional de voto. Peço o empenho de todos a fim de que esse direito seja assegurado aos são-tomenses, sem hesitações e sem reservas.

É crucial não nos esquecermos de que não está terminada o nosso processo democrático. Aliás, a democracia é um processo em permanente formação e consolidação.

Continuamos a olhar para o futuro com muitas expetativas e com esperança sempre renovada.

Se alguns, ignorando por completo as conquistas alcançadas nestes 47 anos, se contentam a enfatizar os insucessos registados, para assim vaticinar sobre um futuro coletivo sombrio, compete-nos sim ler as causas desses fracassos e adequar as nossas atitudes para, com resiliência, ultrapassarmos os desafios presentes e verdadeiramente construir com as nossas próprias mãos uma nação de paz, concórdia e de desenvolvimento. É esta uma tarefa de todos. Não apenas de aqueles investidos de cargos públicos, no executivo, legislativo e judicial, mas também de todo o povo, desde os quadros da administração pública, do sector privado, da sociedade civil organizada, da nossa diáspora, dos jovens e das crianças.

Por fim, aos nossos parceiros de desenvolvimento, aqui representados através de missões diplomáticas, uma palavra de profundo agradecimento por terem estado sempre ao nosso lado, nesta caminhada pela consolidação da democracia e do desenvolvimento económico.

Temos tudo para sermos ganhadores. Confiamos nos nossos trabalhadores, confiamos nos homens e nas mulheres do nosso País.

Viva São Tomé e Príncipe

Viva a Independência Nacional

Deus nos Abençoe !